



## O DOBRO

*Theo Barreto*

Acordar a qualquer hora do dia, por vontade própria do corpo e da alma. Se levantar com a pretensão única de encher os pulmões de ar, esticar os braços pro céu e olhar a cara amassada pelo travesseiro e endurecida pela vida no espelho. Decidir sem trauma como gozar o dia e quais caminhos de cinza e petróleo pegar para sentar debaixo de qualquer sombra e escrever meus excrementos. Olhar ao redor e pensar que as cores que eu vejo mais ninguém vê e o que são as coisas. Frequências de luz são refratadas pelas coisas, ficam com todas as frequências e cospem o verde, o vermelho, o amarelo, o ocre, o jeans. Aguardar vir a palavra seguinte porque você TEM o tempo e não está ansioso olhando em volta para se livrar dos olhos do interlocutor, com quem fala e escuta, quem te obriga a dar significado e usar palavras que antes só existiam dentro de você, como uma sopa de letras misturada com o ar no seus pulmões, que você esvazia e as faz sentir.

De quem é essa voz? Vocês sabem quem são cem por cento do tempo?

Às vezes quando me levanto na minha caverna, mesmo com a pedra selando a sua boca, a luz atravessa por uma fresta entre duas rochas não muito bem casadas e eu consigo ver meu reflexo em um pequeno vazio inundado que se forma entre o primeiro e o segundo quadrante do solo.

Aquela poça, eu sei mesmo quando não penso nela, está sempre ali, pois do alto pinga uma gota a cada 9.7 segundos, eu já contei mais de uma vez. Um dia vai formar uma estalagmite e quando eu olhar no pequeno vazio inundado meu reflexo vazio terá um chifre no meio da testa, mas agora tenho só a minha cara mesmo. E pasmo, olho para aquele estranho que me olha de volta de um jeito quase agradável através do véu do espelho.

Como eu vim parar aqui? De onde vieram todas essas espinhas? O que são essas coisas que pendem de meu corpo? Por que minha barba, essa coisa orgânica que brota do meu rosto, me machuca?

Quando eu não existia biograficamente no passado, ninguém me via e era isso. Eu existia pela casca de outra pessoa, que me usava. Era aquela carcaça que não existia. Um corpo, que aprisionava minh'alma e fazia dela sua escrava, obrigada a alimentá-lo de minha transubstância.

Nós, eu a casca, éramos dois e um, eu me confundia com meu veículo, que me alienava



em sua aparência. Eu só sabia que eu não era o que as pessoas diziam daquela casca. Não era. Os próprios sentimentos de ser humano, de sentir amor, de querer morrer, as muitas expectativas e ideias de como viver, ser e transitar que me circundavam e transversalmente diferentes das que eu tinha, são coisas difíceis que a gente precisa lidar. E a vida inteira ainda será, dentro de qualquer caixa de diferenças.

Nesse mundo de aparências e produção imagética de si, porém, era a casca quem era vista, valorizada, reconhecida e convidada para festas e *ménages à trois*.

Num momento de distensão máxima, nós viramos dois separados. Eu, a alma, ela, a máquina.

Uma alma sem corpo pode qualquer coisa, atravessar paredes, brotar em outro canto do mundo, assustar crianças com sua forma de árvore projetada na parede do quarto à noite, pode puxar o pé de quem se deita na cama sem cobrir os pés, pode possuir qualquer corpo. Mas o que pode um corpo sem alma? Nada. Apodrece, fica morto, passa ser azul, gelado.

Escolhi possuir aquele corpo, que não era exatamente o que eu aspirava, mas estava ali na minha frente, recém-mortinho e, ah! Pelos céus, eu não tenho nenhuma experiência nesse rolê de possuir corpo, tinha recém-nascido, eu me achava casca antes, tava frágil, porra, inseguro! E se o corpo, ainda com alma e do jeito que eu queria, apresentasse resistência? Se porventura eu conseguisse entrar, o que aconteceria com a alma do pobre diabo? Quem ia aceitar, de bom grado, ceder lugar a uma alma rebelde e estranha, tão jovem e tão triste? No mais, cada segundo que eu demorava fora de um corpo levava uma eternidade. Quantos anos eu envelheci naqueles dias? Eu poderia ter morrido, mas acreditava que precisava comer, transar, dormir e amar alguém. Tomei aquele corpo ali, recém-largado e totalmente extrapolado, ainda estava quente quando toquei a ponta dos dedos. Ao contrário de antes, não houve uma fusão. Eu escorri como quiabo para dentro daquela carcaça, sem resistência. Permaneci consciente, rompi com a alienação antiga que aquela aparência - do mesmo corpo, agora outro - me causava, criei uma nova fantasia e me deixei envolver..

Olhei de cima para baixo, numa visão POV CAM, para aquele corpo, eu mesmo, meu corpo, era desesperador! Talvez se eu não fosse tão vaidoso, ou se as cascas não importassem tanto, ou quem sabe se as posições de gênero não fossem assimétricas, mistificadas e



opressivas eu poderia não ter ficado tão frustrado com o que eu tinha.

Para não cair num fundo poço sem corda nem caçamba, eu, que só tinha acabado de começar, mas já sabia por experiências herdadas de outras vidas que o corpo é a máquina mais potente e flexível da natureza, empenhei-me na bricolagem de mim mesmo, em edificar-me enquanto sujeito. Então dia após dia e a cada manhã eu precisava repetir os passos na minha cabeça, confirmar a empreitada, preparar a bagagem e me desmanchar por aí.

As vezes que fui confundido com a casca doeram muito em mim, como se minha existência fosse estilhaçada. E eu precisava de todas as minhas forças para segurar os braços junto ao corpo, levantar as pernas a cada passo, equilibrar a cabeça em cima do pescoço, daquilo que o método Alexander ensinava como postura e, concentrado nesses malabares, deixava o peito aberto e não podia gritar FODASSE para todo mundo que viesse cuspir na minha cara.

Às vezes as pessoas me olhavam na rua como se eu fosse um cachorro, um dementador, um canalha, por ter possuído aquele corpo. Pobres estúpidos, mal sabem que antes aquele corpo não tinha alma se não a minha, que eu nem cedia por inteira.

Foi muito tempo depois de muito tempo, que as pessoas foram confirmando que eu já existia. Um dia desses reencontrei - se é que posso dizer que já tinha me encontrado com essa pessoa num passado em que eu não existia alma-e-corpo, dentro-e-fora da casca - uma pessoa que conheci numa festa. Nós passamos algumas horas juntos por uma noite, fumando e trocando impressões sobre as pessoas e coisas ao nosso redor. Hoje cumprimentei-a com afeto, mas a moça não me reconheceu. Sabia, porém que nos conhecíamos, ela só não sabia muito bem onde, como, o que tínhamos feito.

Bom, significava que eu tinha possuído aquela casca e trabalhado ela de um jeito tão surreal e próprio, que incompreensível. Ótimo. Alguma coisa a partir do meu eu de agora fez ela criar, no passado, uma imagem cruzada com a casca, inventando nela uma memória de mim. Como se eu e meu outro, passado e presente, ambos fôssemos melhores amigos, irmãos ou gêmeos. Através dessa pessoa e do tempo perene, um duplo, um dobro, um outro que é o mesmo, criou-se no passado, então eu passo a existir lá também. Eu não era caduco, irreal ou distópico, alguma pré-ultrapassada e limitada, uma versão louca de mim. Pensar que eu sempre existi parece perfeitamente razoável. Era a casca que confundia as pessoas (e a mim), mas agora que eu existo dentro e fora dela, posso ver que sempre estive pulsante.



Este trabalho é uma colagem digital feita a partir de desenhos conduzidos através do que poderia ser chamado autoanálise ou autobiografia.

